26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB
ISSN 2177-3688

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

MUNDANEUM, LOUCURA E RACIONALIDADE NO DISCURSO EPISTEMOLÓGICO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

MUNDANEUM, MADNESS AND RATIONALITY IN THE EPISTEMOLOGICAL DISCOURSE OF INFORMATION SCIENCE

Michelle Louise Guimarães da Silva – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Gustavo Silva Saldanha - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A proposta da pesquisa é realizar uma discussão sobre a construção do discurso epistemológico da Ciência da Informação na fronteira entre loucura e racionalidade. Com foco teórico-conceitual e corpus bibliográfico, o objetivo é retomar a compreensão da pretensa dicotomia moderna razão-loucura à luz do projeto epistemológico de Paul Otlet, como um dos fundadores da ideia de ciência do campo informacional. A justificativa está na compreensão de que o projeto do Mundaneum representa um dos mais ambiciosos programas que justamente colocam em colisão e sobreposição a questão da racionalidade como antítese da loucura. Para a reflexão, a pesquisa se desenvolve em três eixos: a) a compreensão das ideias de Paul Otlet — especialmente seu projeto Mundaneum — como o auge do pensamento racionalista moderno; b) o conceito de hiperreflexividade de Louis Sass como uma constatação de que a hiper-razão está no cerne do que é denominado loucura; e c) como a relação entre o ímpeto organizador, a razão e a loucura pode ser observada nas produções visuais e artísticas realizadas por pessoas em contexto de internação psiquiátrica durante o século XX. Com uma abordagem ensaístico-reflexiva, a pesquisa permite observar como, em contextos de saúde mental, as obras de pessoas retiradas do convívio social aproximam-se da proposta de um plano de preservação, organização e acesso à totalidade do conhecimento e da experiência humana. As considerações finais retomam o projeto Mundaneum como síntese entre loucura e razão, observável em diferentes expressões da procura humana pela ordem em meio ao caos em expansão.
Palavras-chave: Loucura; Mundaneum; Epistemologia da Ciência da Informação; Organização do Conhecimento; História da Ciência da Informação.

Abstract: The purpose of this research is to discuss the construction of the epistemological discourse of Information Science at the boundary between madness and rationality. With a theoretical-conceptual focus and a bibliographic corpus**,** the objective is to revisit the

understanding of the supposed modern dichotomy between reason and madness in light of the epistemological project of Paul Otlet, as one of the founders of the idea of science in the informational field. The justification lies in the understanding that the Mundaneum project represents one of the most ambitious programs that precisely place in collision and overlap the question of rationality as the antithesis of madness. The research develops around three axes: a) the understanding of Paul Otlet's ideas — especially his Mundaneum project — as the apex of modern rationalist thought; b) Louis Sass's concept of hyperreflexivity as an acknowledgment that hyper-reason lies at the core of what is called madness; and c) how the relationship between the organizing impulse, reason and madness can be observed in the visual and artistic productions made by people in contexts of psychiatric institutionalization during the twentieth century. Through an essayistic-reflective approach, the research allows us to observe how, in mental health contexts, the works of people removed from social life come close to the proposal of a plan for the preservation, organization and access to the totality of knowledge and human experience. The final considerations revisit the Mundaneum project as a synthesis between madness and reason, observable in different expressions of the human search for order amid expanding chaos.
Keywords: Madness; Mundaneum; Epistemology of Information Science; Knowledge Organization; History of Information Science.

1 INTRODUÇÃO

A construção do discurso de fundamentação da Ciência da Informação, vinculada ao desafio material da preservação, organização e acesso a todo o legado humano de registros do conhecimento, está às margens da frágil distinção entre loucura e racionalidade da Modernidade.

A dimensão da “totalidade” nos limites do racional repercute na forma como o discurso moderno eurocêntrico constitui tanto seu projeto civilizatório como pretenso fundamento de “bem” para invenção de uma dada “humanidade”, como demonstrou a barbárie fundada pelo mesmo conceito aplicado como forma de opressão e extermínio. A filosofia moderna e a conversão da metafísica ao método empírico aplicará, científica e politicamente, tal condição da totalidade em suas formas de atuação. Esta dimensão estará presente no arquétipo do projeto otletiano (Otlet, 1934, 1935) de organização universal do conhecimento.

Utópico, visionário ou megalomaníaco — como diriam alguns de seus críticos — são termos utilizados para definir o trabalho de Paul Otlet durante o século XX. Em 2006, o Museu Dr. Guislain, antigo hospital psiquiátrico, realizou uma exposição intitulada "Sábios Tolos, Tolos Sábios", dedicada a explorar o tema da morosofia (do grego *moros*, "tolo/louco", + *sophos*, "sábio"), a sabedoria insensata que produz ideias consideradas

extravagantes ou até absurdas. Nela, Paul Otlet foi lembrado pela sua tentativa quimérica de organizar e ordenar a totalidade do mundo, sendo colocado ao lado de morósofos flamengos e holandeses, pensadores com teorias consideradas absurdas ou monomaníacas (Van Acker, 2012). O museu dedica-se à história da psiquiatria e à *outsider art*, reunindo em seu acervo obras de artistas que viveram a experiência psiquiátrica e que compartilhavam o mesmo interesse por sistemas visuais complexos de organização. Esse fato inusitado expressa o limite entre o projeto de elevação da razão moderna e o encontro com algo que o transcende, à beira do que podemos convencionalmente chamar de loucura. Contudo, o papel da loucura no conceito de razão antecede em muitos anos o trabalho intelectual de Paul Otlet e remonta aos primórdios da filosofia moderna.

Nas primeiras páginas das *Meditações Metafísicas*, Descartes (2018) menciona brevemente a insensatez dos loucos, excluindo-a dos outros níveis operativos da dúvida: o sonho, o deus enganador e o gênio maligno. Enquanto os três primeiros atuam externamente ao indivíduo ludibriando os sentidos e a cognição com falsas evidências intelectuais, "o louco", na perspectiva cartesiana, tem a sua própria capacidade de reflexão racional prejudicada e, por essa razão, não é confiável em sua apreensão da realidade.

Uma das grandes contribuições de *Meditações* é estabelecer o sujeito pensante como o único agente qualificado para encontrar o conhecimento verdadeiro — entendimento que é também o ponto de partida da Modernidade — a loucura, portanto, é excluída do enaltecimento da racionalidade que sustenta o projeto moderno. Ao refletir sobre o que está a sua volta no momento em que está vestido com um chambre e com um papel em mãos a escrever, aquecido pelo fogo da lareira, Descartes (2018) conclui:

> Em verdade, qual a razão para que possa negar essas próprias mãos e todo esse meu corpo? A não ser talvez que me compare a não sei quais insanos, cujo cérebro foi a tal ponto afetado pelo negro vapor da bílis que constantemente asseveram ou que são reis, sendo paupérrimos, ou que se vestem de púrpura, estando nus, ou que têm a cabeça feita de barro, ou que são inteiramente cabaças ou confeccionados em vidro. Mas eles são dementes e não pareceria menos demente do que eles, se neles buscasse algo como exemplo para mim (Descartes, 2018, p. 19).

Em *O Argumento da Loucura*, o filósofo Oswaldo Porchat (2003) propõe um exercício cético e questiona a possibilidade de alcançar um conhecimento absoluto e indubitável pela via da Razão Clássica. Ao analisar as *Meditações*, Porchat aponta o desperdício de Descartes ao abandonar precipitadamente a loucura, que provavelmente seria um verdadeiro teste à sua

argumentação sobre a capacidade humana de obter conhecimento genuíno sobre a realidade. O *cogito* cartesiano não sobreviveria às intempéries do pensamento considerado insano. “A loucura possível destruía, implacável e inexoravelmente, a pretensa certeza absoluta do Cogito, assim como, irresistivelmente, minava o percurso inteiro que ele conduzia” (Porchat, 2003, p. 23).

Qual atitude intelectual o filósofo pode ter a partir do esvaecimento do percurso reflexivo racional? O problema principal do argumento da loucura como uma forma de dúvida significativa sobre a capacidade de compreensão do real seria a paralisação total do pensamento humano. O que Porchat (2003) desenvolve como contra-argumento a esse destino inoperável à filosofia é que o abandono da certeza absoluta é a única forma de continuar produzindo conhecimento — um conhecimento ciente de seus limites. A razão dogmática, portanto, é bem mais próxima da loucura do que desejaria ser: “sua aspiração ao saber absoluto, à certeza derradeira, às provas absolutamente conclusivas" (Porchat, 2003, p. 32). Desse modo, o filósofo pode prosseguir tranquilamente em seus trabalhos reflexivos, pois "em seu insensato desejo de absoluto, os filósofos de algum modo enlouquecem e é a razão-louca que exige uma demonstração da não loucura” (Porchat, 2003, p. 32).

Em uma tentativa de incluir a loucura do sujeito pensante na produção do conhecimento, a presente pesquisa adota uma abordagem ensaístico-reflexiva e propõe três eixos de desenvolvimento a partir de seu corpus bibliográfico: a compreensão das ideias de Paul Otlet — especialmente seu projeto Mundaneum — como o auge do pensamento racionalista moderno; o conceito de hiperreflexividade de Louis Sass como uma constatação de que a hiper-razão está no cerne do que é denominado loucura; e como a arte produzida em contextos de internação psiquiátrica durante o século XX — que inspirou diversos artistas modernistas — apresenta sistemas singulares de organização da realidade, embora compartilhe em determinados momentos os mesmos dilemas e conflitos epistemológicos e ontológicos que os sistemas classificatórios cientificamente legitimados. Tais produções foram selecionadas por apresentarem sistemas de organização, inventários e cosmogonias que ressoam urgentes diante da ameaça de colapso do mundo, ameaça semelhante à que legitimou a criação de projetos como o *Mundaneum.*

Destaca-se que a pesquisa não pretende revisar a trajetória intelectual de Paul Otlet com fins de estabelecer qualquer diagnóstico tardio, nem analisar as obras dos pacientes

como evidências de uma pretensa genialidade na loucura, escolha que poderia declinar para uma fetichização sedutora dessas produções.

A articulação dos três eixos permite argumentar que razão e loucura não são necessariamente opostos, ou que ao menos essa distinção é mais frágil do que aparenta ser em um primeiro momento. Um modo mais atualizado de destacar a complexidade desse par é conceber esses pilares da natureza humana como intensidades de apreensão da realidade que se deparam com os limites da linguagem, da representação e do conhecimento. Compreender essa relação importa diretamente à organização do conhecimento, cujos sistemas classificatórios tradicionais são produtos do mesmo projeto moderno que expulsou a loucura como forma legítima de produção de conhecimento.

2 A MOROSOFIA DO *MUNDANEUM* DE PAUL OTLET E A RAZÃO DOGMÁTICA DA MODERNIDADE

Van Acker (2012) cita estudiosos que participavam do círculo de amigos de Otlet e que narram alguns detalhes de sua personalidade e o pensamento da sociedade sobre seus projetos. Françoise Levie, sua biógrafa, destaca a melancolia que pareceu atingir Otlet ao aceitar o destino implacável de seus ideais: o esquecimento e a incompreensão como um excesso do sonho moderno. O arquiteto franco-suíço Le Corbusier e Albert Thomas, diplomata francês, narram o sarcasmo e as risadas contidas que alguns expressavam ao escutar suas palestras. Cercado por fichas e diversos documentos encaixotados, pastas espalhadas, absorto em seus pensamentos sobre o caos informacional que já era crescente à época, Otlet era visto como ingênuo ou mesmo um louco inofensivo pelos céticos ao seu trabalho e seus ideais. O projeto que mais exemplifica o espírito otletiano, entre a genialidade e a loucura, é o *Mundaneum*.

Em 1895, Otlet, em parceria com o jurista belga Henri La Fontaine, criou o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), almejando a construção de uma rede universal de acesso ao conhecimento que registrasse toda a produção intelectual e científica. Entre 1910 e os anos vinte, em Bruxelas, Otlet dará o nome de Palais Mondial ou Mundaneum às coleções reunidas e aos projetos institucionais elaborados no IIB, entre eles o Repertório Bibliográfico Universal, o Repertório Iconográfico, a Biblioteca Internacional e o Museu Internacional (Rayward, 1994). O Mundaneum é o espaço institucional dedicado à tarefa hercúlea de reunir e organizar a totalidade do conhecimento humano — ou, como bem definiu Otlet de

modo multifacetado: "uma Ideia, uma Instituição, um Método, um Corpo material de trabalhos e coleções, um Edifício, uma Rede" (Otlet, 1935, p. 448). O desafio do projeto era organizar e articular o crescimento acelerado e descentralizado da produção de conhecimento.

Em 1935, Otlet publica o livro *Monde: essai d'universalisme.* Nele, o autor sistematiza os fundamentos filosóficos do *Mundaneum*: a procura por uma razão unificadora capaz de buscar a unidade essencial das coisas perante a heterogeneidade do mundo. No pensamento otletiano, para controlar a entropia informacional da modernidade, torna-se necessário construir uma versão do mundo que organize sua ordem essencial tornando visíveis as relações entre os componentes que a constituem, mediante a documentação, classificação e comunicação universal do conhecimento.

> Mundo! O termo mais amplo que existe, sinônimo de Tudo. A Natureza, o Homem, a Sociedade, a Divindade: isso é o Mundo. Nesse termo — visto o caráter necessário de uma expressão que totalize — a definição convencional compreende necessariamente tanto a Criação quanto o Criador. É preciso, como tema geral, tratar do Mundo. Pois, mais do que em qualquer outro tempo — sem que isso implique exclusividade —, o nosso encontra-se colocado diante de uma compreensão singularmente ampla de tudo o que existe. Nele se constata a interdependência em grau extremo, bem como suas repercussões e incidências. Colocam-se então, de modo premente, estas questões: para além das pluralidades, das separações e dos compartimentos — os das doutrinas e das ciências particulares, os das harmonias e das artes distintas, os dos programas e dos planos fragmentários —, é possível reconhecer uma unidade essencial nas coisas? (Otlet, 1935, p. III, tradução nossa).

Nas palavras de Otlet (1935), o mundo é composto por substância, movimento, espaço e tempo. Quatro dimensões definem o mundo: a realidade (o mundo em si); o mundo conhecido (o pensamento); o mundo expresso (a linguagem); e o mundo documentado (o documento). A realidade é constituída pela substância que é modelada em movimento contínuo no tempo e espaço. O pensamento humano tenta apreender a realidade mesmo com suas limitações físicas e mentais. Para representá-la, utiliza-se a linguagem, meio pelo qual se formam os conceitos. Em suma, os documentos são originados da associação lógica entre os termos que sintetizam esses conceitos.

Enquanto Descartes funda o sujeito moderno em sua capacidade de pensar e estabelece a ordem do conhecimento na certeza da razão, o século XX, personificado nos anseios idealistas de Otlet, tem que lidar com a ruptura dessa ordem e a crise do próprio

sujeito racional. Otlet (1935) aparenta captar que os sujeitos pensantes produzem documentos pensantes como uma extensão de suas observações. Neste sentido, em uma das passagens de *Monde*, o autor estabelece o conceito de cérebro coletivo, isto é, o entendimento da necessidade de transformar o pensamento individual em matéria compartilhável.

> Se o individualismo é rejeitado porque não pode fazer face às necessidades coletivas da sociedade, se o governo das massas é temido porque sacrificaria a flor da civilização intelectual que chegou até nós, resta uma solução: realizar, para participar da evolução exterior, um vasto cérebro coletivo. E o cérebro, com todo o acúmulo dos métodos, o acúmulo dos resultados, organizá-lo para ser ao mesmo tempo ideação, memória, emoção e vontade (Otlet, 1935, p. 358, tradução nossa).

Projetado no período entre guerras e sob a sombra de outro projeto internacional, a Liga das Nações, o Mundaneum é o ápice e talvez uma despedida do sonho moderno, perante a entropia informacional e a dificuldade de comunicação entre sujeitos que vivenciam realidades tão díspares e singulares.

É curioso, portanto, como o Mundaneum é frequentemente comparado à World Wide Web, uma comparação que, ao mesmo tempo que enaltece Otlet como visionário, talvez não se sustente numa avaliação mais rigorosa dos objetivos de seu projeto diante do contexto atual da rede. Otlet buscou construir um projeto civilizatório que visava a paz mundial, o acesso universal ao conhecimento e a cooperação entre as nações, independentemente das críticas sobre sua viabilidade ou ingenuidade positivista. Plataformas como o Google que operam na WWW, por sua vez, visam hoje, antes de tudo, à acumulação de capital e, não raro, intensificam o próprio caos informacional que dizem combater.

Os princípios organizadores do Mundaneum também foram manifestados em esquemas imagéticos com uma representação octagonal sobre o Mundus — o mundo a ser redescoberto e mapeado — e os sete domínios da organização do conhecimento: les choses (as coisas), a organização material da realidade; l'espace (o espaço), a ordem espacial física, terrestre, planetária e sideral; le temps (o tempo), estruturado entre tempo histórico e tempo geológico; le moi (o eu), a organização do eu, entre ação, conhecimento e sentimento; les créations (as criações), a ação que impulsiona as ciências e as artes; les expressions (as expressões), desenvolvidas pela educação, linguagem e documentação; e

l'inconnu (o desconhecido), domínio dedicado aos limites da linguagem e da razão, do segredo, da ignorância, do risco e do mistério (Otlet, 1935).

Van Acker (2012) denomina como "laboratório da imaginação organizacional" de Otlet sua coleção de desenhos que o ajudavam a organizar seu pensamento, como esquemas gráficos repletos de figuras simbólicas, iconográficas e geométricas, notas e passagens sobre livros e artigos. Otlet se aproximou de arquitetos e urbanistas modernistas como Patrick Geddes, Le Corbusier — que planejou a arquitetura da Cidade Mundial que abrigaria o Mundaneum em Genebra, Suíça, projeto que não seria implantado —, Victor Bourgeois e Raphaël Verwilghen para concretizar as estruturas abstratas de seus projetos.

Somadas às críticas sobre a impraticabilidade e o utopismo de seus projetos e ideais, ressalvas à sua lógica acentuadamente positivista e ao seu olhar eurocêntrico são encontradas na literatura, expondo que sua sistematização do conhecimento teria o efeito de reduzir a pluralidade dos saberes. Mattelart (2002) compreende projetos dessa natureza em uma densa linhagem de utopias planetárias voltadas à razão universal e ao positivismo, criticando-as por alicerçarem seu universalismo numa perspectiva homogênea, na qual o conhecimento científico europeu se apresenta como o único conhecimento válido. Sem recusar essa leitura, importa destacar que o pensador belga responde à urgência de um contexto conturbado e pessimista, o período entre as duas guerras mundiais. Sua busca por uma linguagem universal como forma de harmonizar os conflitos humanos evoca o temor pela destruição do conhecimento. Tal temor se confirmou na década de 1940, quando tropas nazistas destruíram ou dispersaram coleções do Mundaneum, com o intuito de realizar uma exposição de arte do Terceiro Reich (Wright, 2003).

Outra característica pouco conhecida de Otlet é que ele não nega a incompletude, a incomensurabilidade e o mistério que há no mundo, como podemos notar no domínio l'inconnu. O conhecimento é elaborado entre as fronteiras do que é transparente ao conhecimento humano e a incerteza sobre uma realidade enigmática, em constante transformação não necessariamente previsível e controlável. O que Otlet defende é o que fazer a partir dessa constatação e a ordem, num mundo de abalos sísmicos e políticos, aparenta ser o caminho ideal e natural, uma vez que é possível encontrar padrões que conectam a variabilidade do mundo. Este olhar, embora justificado, não o redime de um viés

etnocêntrico, hegemônico e excludente — uma armadilha habitual na tentativa de universalizar as experiências humanas e sua produção material e intelectual.

O Mundaneum, portanto, não é apenas um projeto de organização do conhecimento. Este projeto representa a ambição utópica otletiana de capturar a totalidade do mundo, organizando seus elementos por meio de documentos, esquemas e classificações, numa intensidade da razão moderna diante de suas fronteiras que a aproxima do irracional ou mesmo do que muitos denominam consequentemente de loucura, não em seu sentido médico, mas como símbolo de algo que escapa da racionalidade humana. O psicólogo americano Louis Sass (2021) identifica o excesso da razão, e não sua ausência, como o cerne da experiência esquizofrênica. É precisamente essa hiper-razão que permite aproximar o projeto do Mundaneum das produções visuais e artísticas elaboradas por sujeitos internados em instituições psiquiátricas ao longo do século XX. Antes de expressarem a desorganização e a fragmentação do pensamento, essas obras revelam uma autoconsciência intensa e sistemática que, como veremos, Sass denomina hiperreflexividade.

3 ARTE, MODERNISMO E HIPERREFLEXIVIDADE EM LOUIS SASS

Segundo o psicólogo Louis Sass (2021), a perspectiva sobre a loucura como antítese da razão é antiga, retomando textos de Platão na Grécia Antiga sobre a insanidade como renúncia à alma racional. O filósofo pré-socrático Heráclito relacionava a vitalidade cognitiva e as metamorfoses do fogo (arché) com o logos e a capacidade de pensar e transformar as coisas. Já a água, ao umedecer o fogo, reduziria a lucidez essencial à consciência humana. Posteriormente, após o Iluminismo e sua exaltação da razão nos séculos XVII e XVIII — como herança do racionalismo moderno de Descartes —, diversas correntes estéticas e filosóficas passaram a questionar o excesso de razão e sua legitimidade em definir a realidade. A exaltação desloca-se então para a loucura como potência criativa e até libertadora, movimento que tem início no Romantismo, no final do século XVIII e ao longo do século XIX, e alcança as vanguardas artísticas do modernismo, principalmente com o Surrealismo no século XX.

Os modernistas buscavam formas de expressão mais remotas e externas à civilização ocidental racionalista e suas estéreis academias de arte. As obras dos considerados socialmente como loucos surgiam neste contexto como uma forma pura de criação artística, profundamente inspiradora, numa perspectiva que podemos chamar de primitivismo. Sass,

entretanto, questiona essa associação da arte da loucura como retorno a uma espécie de manifestação criativa primordial: o autor inverte essa cronologia e identifica significativas afinidades entre a esquizofrenia e o imaginário da arte moderna, ao identificar uma característica consonante — a hiperreflexividade: uma intensa autoconsciência que mescla a subjetividade interna do indivíduo à realidade externa, apagando suas fronteiras e causando uma profunda sensação de estranhamento e deslocamento diante do mundo. Desse modo, o autor questiona: "e se a loucura, pelo menos em algumas de suas formas, derivasse de um aumento, ao invés de uma diminuição, da consciência, e de uma alienação não da razão, mas das emoções, dos instintos e do corpo vivo?" (Sass, 2021, p. xxiv).

Além das afinidades com o modernismo, Sass (2021) faz associações entre marcos teórico-filosóficos da Era Moderna. O cartesianismo funda a separação radical entre objeto e sujeito. Segundo o autor, as pessoas com esquizofrenia muitas vezes vivenciam essa cisão de forma mais intensa. A etimologia da palavra, cunhada por Eugen Bleuler, significa mente dividida, e os objetos parecem estranhos e intocáveis pela sensação de desrealização. O idealismo transcendental de Kant pode ser associado pelo papel central que a mente tem na construção do mundo, sendo impossível acessar o real como de fato ele é. Por fim, o perspectivismo de Nietzsche pode ser vivido de forma extrema na esquizofrenia: cada coisa tem um significado tão particular e indecifrável na partilha com o outro que torna determinadas experiências quase incomunicáveis.

Sass (2021) salienta que nos finais do século XVI e XVII a noção de totalidade entre o cosmos e a humanidade começa a declinar em benefício da concepção de que o ser e a verdade eram circunscritos à experiência humana de representar e conceber a realidade por meio dos pontos de vista — o que o autor denomina "mundo-como-visão". Segundo o autor, a paranoia, sintoma clássico da esquizofrenia, é "uma transformação fundacional nas coordenadas da própria experiência, um desequilíbrio ontológico que anula a realidade ao reduzir tudo a um processo perturbador e insistente da visão" (Sass, 2021, p. 249). O autor cita que um de seus pacientes dizia que os objetos e pessoas saltavam de seus próprios olhos azuis. Sass denomina essas experiências como delírios epistemológicos derivados de um solipsismo esquizofrênico.

O solipsismo da esquizofrenia paradoxalmente caminha ao lado da sensação de um mundo em permanente destruição, um temor com a catástrofe ontológica suprema, pois o

"eu" muitas vezes pode parecer efêmero e irreal, mesclado indissociavelmente ao mundo externo. Essa experiência epistemológica pode nos auxiliar a compreender como as cosmogonias densamente sistemáticas e organizadas produzidas pelos sujeitos aqui reunidos estão sempre cercadas por uma espiral de colapso e recriação de mundos. Suas produções visuais, presentes neste ciclo de construção e destruição ao longo do século XX, tornam-se legíveis sobretudo como sistemas de conhecimento.

4 CRIADORES DE MUNDOS: AS COSMOGONIAS SINGULARES PRODUZIDAS ENTRE ARTE E LOUCURA

Ao longo do século XX, grandes coleções de arte produzida à margem dos circuitos consagrados, muitas delas em contextos de internação psiquiátrica, surgiram principalmente na Europa. Um dos primeiros acervos significativos é a Coleção Prinzhorn, cujos primórdios remontam ao acervo reunido em 1890 na Universidade de Heidelberg por Emil Kraepelin e que foi expandido entre 1919 e 1921 pelo médico e historiador da arte Hans Prinzhorn. A segunda grande coleção europeia é a Coleção de Arte Bruta, reunida a partir de 1948 pelo artista francês Jean Dubuffet, por meio dos estudos da Compagnie de l'Art Brut, composta por artistas e intelectuais que reuniam obras de sujeitos historicamente excluídos dos circuitos culturais legitimados. O equivalente anglófono da Arte Bruta é a outsider art, termo cunhado pelo crítico de arte britânico Roger Cardinal em seu livro homônimo publicado em 1972, conceito que expandiu ainda mais a noção para além do contexto psiquiátrico (Cruz Junior, 2024). Nestas coleções, muitos artistas vinculados à experiência psiquiátrica elaboraram obras que apresentam estruturas visuais com organização complexa, com características que remetem a enciclopédias, estudos astronômicos, diagramas, listas e inventários de diversas tipologias de objetos.

August Natterer, também conhecido pelo pseudônimo August Neter, nasceu em 1868 na cidade de Schornreute, Alemanha. Após sete anos de escola secundária tornou-se mecânico, atuando em diversas cidades alemãs, onde fundou seu próprio negócio. Em 1907, teve uma crise psicótica, entrou em depressão e tentou suicídio. Disse ter visto uma aparição muito semelhante a cenas de um filme, onde cerca de 10.000 imagens passaram como relâmpagos em meia hora. Das figuras emergiam Deus, entidades que criam o mundo, arquitetura e guerras. O artista considerou ter presenciado uma revelação do Juízo Final. Seu acervo pertence à Coleção Prinzhorn, que o descreveu como um dos mestres

esquizofrênicos — artistas que apresentam obras sistemáticas com hierarquias particulares, repletas de intenso simbolismo e detalhismo intrincado (Prinzhorn, 1972).

Nascido em Bowil, Suíça, Adolf Wölfli (1864–1930), com obras na Coleção de Arte Bruta de Lausanne e atualmente preservadas na Fundação Adolf Wölfli, produziu mais de 25 mil obras. Abandonado pelo pai aos 7 anos, na vida adulta foi preso e internado no Hospital de Waldau até seu falecimento. Wölfli engendrou um esquema enciclopédico monumental, produzindo colagens, textos literários e partituras musicais. Narrativas sobre o fim e a criação de novos mundos são habituais em sua trajetória artística (Cruz Junior, 2024). As visões apocalípticas e de detalhada sistematização visual encontradas nas obras de Natterer e Wölfli sugerem a autoconsciência intensificada até o seu limite, no núcleo central da experiência da esquizofrenia, como define Sass (2021).

No Brasil, as atividades e o incentivo da psiquiatra Nise da Silveira na Seção Terapêutica Ocupacional (STO) do Centro Psiquiátrico Pedro II no Rio de Janeiro, com artistas como Fernando Diniz, Adelina Gomes, Emygdio de Barros e Carlos Pertuis, dariam origem ao acervo do Museu de Imagens do Inconsciente. A psiquiatra notou e estudou profundamente o interesse de alguns pacientes em elaborar modos de organização interna, criando um acervo significativo de mandalas, formas circulares magnéticas que representam um esforço autocurativo da própria psique perante a dissociação psíquica e a fragmentação do ser (Silveira, 2015).

Anteriormente ao trabalho de Nise, o médico paraibano e crítico de arte Osório Cesar (1895-1979) já abordava o uso da arte como recurso terapêutico no Hospital Psiquiátrico do Juquery, fundado em 1898 (Cesar, 1929). Na década de 1950, dirigiu a Escola Livre de Artes Plásticas do Hospital Psiquiátrico do Juquery, que daria origem ao acervo hoje preservado pelo Museu de Arte Osório Cesar (MAOC), em Franco da Rocha, SP. Entre os artistas que se destacaram nesse contexto, encontra-se Ubirajara Ferreira Braga (Ferraz, 1989). Ubirajara produziu mais de 3 mil obras que versam sobre múltiplos temas — políticos, sociais e filosóficos — e, principalmente, sobre suas lembranças traumáticas como interno do hospital. O artista reflete sobre o próprio fazer artístico e museológico, investigando um imaginário da loucura e do inconsciente.

Em 1997 e 1999, pintou duas versões de um incêndio que consumia o Museu Osório Cesar — a segunda, denominada “Um Sonho.” O evento premonitório se aproxima da

realidade em 2005, quando um incêndio atingiu o prédio central do Complexo Hospitalar do Juquery, resultando na perda de prontuários médicos, documentos e livros raros. Em "Depois dos Anos 2000", criou um cenário apocalíptico com suástica nazista e estrelas de Davi, antecipando um futuro sombrio marcado por ideologias totalitárias. As formas radiais de seus estudos estéticos aparecem nas chamas da destruição, e os símbolos ganham espaço na narrativa soturna de seus sonhos apocalípticos sobre o mundo em ruínas.

Por fim, destaca-se o exemplo brasileiro mais notório: a produção de Arthur Bispo do Rosário (1909–1989), preservada no Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, no Rio de Janeiro. Nascido em Japaratuba, Sergipe, Bispo do Rosário reuniu diversos objetos descartados na Colônia Juliano Moreira — instituição psiquiátrica onde viveu por décadas —, concebendo obras com tecidos e bordando nomes, endereços, lugares e datas. Bispo também acreditava ter uma missão divina: reunir e organizar obras para o dia do Juízo Final. Entre suas obras destacam-se o Manto da Apresentação, vestimenta que desejava usar no dia do fim messiânico do mundo. As pinturas premonitórias de Ubirajara Ferreira Braga e o inventário do mundo de Bispo do Rosário revelam sujeitos motivados a documentar e registrar a totalidade antes do colapso, característica que Sass (2021) poderia reconhecer como hiperreflexividade e que ressoa com o projeto otletiano.

Nota-se, portanto, que diversos artistas elaboraram sistemas de classificação próprios, que expressam persistência temática típica da fixação de estudiosos e cientistas, qualidades inventariais e enciclopédicas, tentativas de representação cosmológica ou mesmo criação de cosmogonias singulares e fantásticas. Alguns artistas ainda parecem explorar uma consciência reflexiva sobre as próprias obras, que se manifesta nos esquemas e sistematizações visuais apresentados. Essas obras são ao mesmo tempo vertiginosas, profundamente analíticas e estritamente cerebrais em sua organização interna, e ainda assim escapam das fronteiras que a razão moderna construiu para si mesma para se preservar diante das perturbações e incertezas da vida. São produções visuais que tentam estabelecer uma totalidade assentada em um olhar profundamente íntimo, quase inacessível, sobre a realidade que cerca esses indivíduos, e que dizem respeito a domínios muito próximos daqueles que Otlet distribuiu em seu *Mundus*: as coisas, o espaço, o tempo, o eu, as criações, as expressões e o desconhecido. São mundos que saltam dos olhos, como diz o paciente de Sass, e que nos deixam sempre diante do impasse de não podermos

partilhar o segredo de nossa visão sobre as coisas, embora exista um ímpeto de estabelecer uma integralidade que faça sentido ao nosso mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando Renée, a paciente do livro "Memórias de uma esquizofrênica", escrito pela psicóloga e psicanalista suíça Marguerite Sechehaye, Sass (2021) compreende que a loucura que invadia a paciente estava fora do mundo e impregnava as formas do espaço e tempo e da superfície dos objetos materiais. Para o autor é notável a referência que Renée faz ao elemento "luz": "Era isso; isto era loucura, a iluminação era a percepção da irrealidade. Eu a chamava 'Terra da Luz' devido à iluminação brilhante, mesmerizante, astral, fria, e do estado de extrema tensão em que tudo estava, inclusive eu" (Sechehaye, 1951 *apud* Sass, 2021, p. 31).

Desde os pré-socráticos, como Heráclito, aos iluministas, a luz é uma metáfora frequente na cultura ocidental sobre consciência e razão, da capacidade do pensamento racional de iluminar o mundo e estabelecer a distância entre sujeito e objeto. A inquietação que surge a partir do encontro que esta pesquisa pretendeu estabelecer entre Otlet e seu *Mundaneum*, Sass e seu conceito de hiperreflexividade e os mundos criados por pessoas internadas em instituições psiquiátricas com seus sistemas singulares de organização da realidade é que a luz também está no fogo dos incêndios que destroem os elementos do mundo, inclusive os produzidos pelo conhecimento.

O *Mundaneum* pode ser interpretado como uma representação arquetípica da Modernidade, centralmente a dimensão do discurso da totalidade, onde ocorre a colisão entre loucura e razão, barbárie e pretensões de igualdade, produzindo algo novo: um olhar desbravador e idealista que, no entanto, não oculta a angústia da tarefa hercúlea de encontrar pontos que façam emergir uma unidade das coisas do universo. Otlet, portanto, parece encarnar a tensão entre o ânimo de racionalizar dogmaticamente a realidade e o delírio criativo capaz de produzir ligações entre esferas tão distintas da experiência humana.

Seu olhar hiperreflexivo, bem como o dos indivíduos apresentados, não versa apenas sobre a necessidade do pensamento humano de organizar a realidade interna. É notável a alusão aos cenários de guerra em tom quase apocalíptico que fazem em relação direta ao contexto que mergulhou o século XX em um ambiente de terror e dúvida. A organização da realidade interna é permanentemente desafiada pela própria irredutibilidade da vida. A

oposição entre razão e loucura torna-se mais frágil quando expressam, cada uma a sua maneira, uma busca semelhante: a tentativa de organizar uma realidade tempestuosa com o pouco que temos, nossa mente e nosso olhar captador de sentidos, mesmo que a todo momento ela escape e novos modos de organização precisem ser reinventados.

O presente texto não visou uma aproximação entre o projeto otletiano e o conceito de hiperreflexividade pela via clínica ou diagnóstica da vida e da obra de Otlet, mas uma leitura simbólica e reflexiva que a Ciência da Informação pode realizar sobre seus próprios conceitos e valores no decorrer histórico. Reconhece-se que a tensão entre racionalidade e irracionalidade sempre esteve presente nos projetos tradicionais do campo, encoberta por critérios sociais e políticos que legitimam determinadas formas de produção de conhecimento em detrimento de outras formas, invisibilizadas ou excluídas.

Deste modo, a pesquisa propõe que a Ciência da Informação direcione seu olhar para essa fronteira não como um limite a ser suprimido ou delimitado com fortes contornos, mas como um modo que constitui o próprio ato de organizar e dar significado ao mundo e ao conhecimento produzido sobre ele, tanto na sala cheia de papéis, caixas e documentos de Otlet, quanto nos espaços enclausurados dos hospitais psiquiátricos do século XX.

REFERÊNCIAS

CESAR, Osório. **A expressão artística nos alienados (contribuição para o estudo dos symbolos na arte)**. São Paulo: Officinas Graphicas do Hospital de Juquery, 1929.

CRUZ JUNIOR, Eurípedes Gomes da. **Do asilo ao museu**: Nise da Silveira e as coleções da loucura. Rio de Janeiro: Hólos Consultoria e Assessoria, 2024.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2018.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. **Escola Livre de Artes Plásticas do Juqueri**. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-14022025-141737/pt-br.html. Acesso em: 13 set. 2026.

MATTELART, Armand. **História da utopia planetária: da cidade profética à sociedade global.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

OTLET, Paul. **Monde: essai d'universalisme.** Bruxelles: Éditions du Mundaneum, 1935.

OTLET, Paul. **Traité de documentation**. Bruxelas: Editiones Mundaneum, 1934.

PORCHAT, Oswaldo Pereira. O argumento da loucura. **Manuscrito**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 11-43, 2003. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/manuscrito/article/view/8644425. Acesso em: 13 set. 2026.

PRINZHORN, Hans. **Artistry of the Mentally Ill**: a contribution to the psychology and psychopathology of configuration. Tradução de Eric von Brockdorff. Berlin: Springer-Verlag, 1972.

RAYWARD, W. Boyd. Visions of Xanadu: Paul Otlet (1868-1944) and hypertext. **Journal of the American Society for Information Science**, Hoboken, v. 45, n. 4, p. 235-250, 1994. Disponível em: https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/%28SICI%291097-4571%28199405%2945%3A4%3C235%3A%3AAID-ASI2%3E3.0.CO%3B2-Y. Acesso em: 13 set. 2026.

SASS, Louis. **Loucura e Modernismo**: Insanidade à luz da arte, literatura e pensamentos modernos. Forte da casa, Portugal: Editora Climepsi, 2021.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente:** com 271 ilustrações. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

VAN ACKER, Wouter. Hubris or utopia? Megalomania and imagination in the work of Paul Otlet. **Cahiers de la Documentation,** Belgium, n. 2, p. 58-66, 2012. Disponível em: https://biblio.ugent.be/publication/2956035. Acesso em: 22 jun. 2026.

WRIGHT, Alex. Forgotten forefather: Paul Otlet. **Boxes and Arrows,** 10 nov. 2003. Disponível em: https://web.archive.org/web/20060917230218/http://www.boxesandarrows.com:80/view/forgotten_forefather_paul_otlet. Acesso em: 13 set. 2026.

FINANCIAMENTO

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento desta pesquisa.